



CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DO SOCORRO NA SERRA DA ESTRELA

Não se pode falar de salvamentos e segurança na Serra da Estrela sem envolver a ASE em todo o processo. É, à ASE que se deve o despoletar de todo um sistema que levou a que hoje existam equipas de busca e salvamento na Serra da Estrela por muito que se procure ignorá-la nesta história.

Nenhuma entidade, oficial ou privada será capaz de nos contrariar porque não conseguirá apresentar provas ou argumentos que nos contradigam.

Mas não foi fácil todo o desenrolar de acontecimentos para chegarmos onde estamos, inclusive de ameaças com processos.

Até 1990 não existia ninguém preparado ou equipado para a realização de operações de resgate. Depois de se tentar, sem sucesso, que a constituição de uma equipa ou grupo tivesse origem no PNSE, do nosso ponto de vista o mais habilitado para este tipo de intervenções na medida em que tinha, e tem, um corpo de profissionais cuja função é percorrer o território da Serra da Estrela, não houve alternativa que não fosse a ASE ter arriscado porque, de facto, foi um risco assumir a responsabilidade de criar a equipa SOS-Estrela. Com a missão, primeira, de despoletar um “conflito” com as entidades com essa responsabilidade a avançarem para garantir esses meios. E resultou! E quando se confirmou essa realidade, que demorou alguns anos a ASE saiu de cena como foi sempre a sua intenção.

Durante esse tempo lidou-se com muita promiscuidade e uma incapacidade de bradar aos Céus! A Protecção Civil/Bombeiros chegaram a fazer manobras de salvamento com helicóptero sem qualquer equipa em terra, preparada e equipada para o efeito. Numa tentativa de mistificação da opinião pública de que havia condições para realizar operações de salvamento quando se sabia, à partida, ser um logro. Aliás, o período mais complicado para acidentes na SE é o inverno, época em que as condições de voo se tornam complicadas para os helicópteros

Depois houve uns curiosos que procuraram alimentar a ideia de criar uma equipa de salvamento em montanha (chegou a ter nome), radicada em Lisboa e, quando acontecesse algum acidente seriam aerotransportados da capital para a zona do acidente! Enfim, o “filme” é uma longa-metragem...

A abertura, a franqueza e a maneira graciosa como a ASE partiu para este processo diz-nos que talvez não tenha sido a mais inteligente. Pelo menos na parte do gracioso. Teríamos tido mais visibilidade e sucesso se tivéssemos cobrado verbas coerentes com o trabalho desenvolvido!

Foi dada formação a quatro Corporações de Bombeiros, a Técnicos do ICNF e a agentes da Protecção Civil, de todas as ilhas dos Açores, na ilha do Pico. O Governo Regional dos Açores, para além de ter custeado todas as despesas com as passagens, alojamento e alimentação, tratou-nos faustosamente. Também não houve razões de queixa quanto ao bom ambiente criado nas restantes acções de formação!

O tempo e a realidade, que ditam sempre da justeza do que foi bem ou mal feito confirma que estivemos certos. Que fizemos uma boa análise da realidade da montanha que tínhamos e dos meios necessários para operacionalizar um grupo de resgate.

Para além da formação numa escola internacional, seguiu-se uma formação interna. Tirando a falta de um helicóptero, a equipa SOS-Estrela possuía o equipamento que qualquer equipa de resgate do mundo possui. Uma viatura TT, de 9 lugares, devidamente equipada (guincho, correntes para a neve, grelhas, rádios, pneus especiais) oferecida pela Land Rover, Portugal. Maca, “cana de pesca”, topo de gama para evacuação que permite a dois socorristas proceder ao transporte de qualquer sinistrado em terreno acidentado. Tratou-se do primeiro equipamento a entrar em Portugal e o único a existir durante vários anos.

A aquisição de tal equipamento é uma evidência de que fizemos bem o trabalho de casa, enquanto outros que se posicionaram como profissionais na matéria demoraram anos até chegarem a essa conclusão, para além de uma série de erros de palmatória. Podemos mesmo garantir que tivemos primeiro este equipamento que o Destacamento da Guardia Civil espanhola com quem mantivemos excelentes relações de amizade.

Individualmente cada membro vestia e calçava o melhor que havia naquele tempo.

A formação dada, graciosamente, a algumas Corporações, só sucedeu depois de, em várias situações em que a Equipa SOS-Estrela foi chamada a intervir, os bombeiros se sentirem insatisfeitos com a incapacidade em actuar nessas situações, criando algum incómodo aos comandos porque não tinham a preparação, equipamento nem o domínio adquirido pela equipa da ASE.